

Editorial

Lindamir Salete Casagrande

lindasc2002@gmail.com

Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Lucas Bueno de Freitas

lfreitas91@gmail.com

Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

O ano de 2019 marca uma nova etapa na trajetória dos Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT). Neste número faremos a primeira publicação em fluxo contínuo. O que significa isso? Significa que não há a necessidade de esperar o fechamento do número para fazer a publicação. Assim que tivermos artigos aprovados, e dentro do período da publicação do número dos CGT, já podemos torná-lo público fazendo a inserção dos demais artigos a medida forem concluídos. Desta forma, o movimento da revista é constante, sendo atualizada diversas vezes ao semestre e não apenas uma vez a cada seis meses. Com esta mudança no estilo da publicação também muda a característica deste editorial que não mais apresentará um resumo dos artigos contidos nesta edição, mas sim tornar-se-á um espaço para uma breve discussão sobre os estudos na área da publicação, e pode contar com a autoria de pessoas proeminentes nesta área.

Outra conquista que se inicia com o número 39 dos CGT é a inserção do Digital Object Identifier (DOI) (Identificador Digital de Objetos), código importante e padrão para produtos disponíveis na internet e que facilita a localização exata do artigo, uma vez que este código é único. Estes dois acontecimentos, que se iniciam neste número, contribuem para demonstrar a consolidação e a tendência de crescimento da publicação, aumentando a visibilidade dos CGT como um meio de publicação de pesquisas desenvolvidas em nível nacional e internacional, e facilitando a leitura e citação das produções aqui publicadas.

Esta publicação tem se constituído em um espaço de resistência e de luta, luta para manter vivo e fazer crescer um campo do conhecimento que tem sido forte e violentamente atacado por movimentos e pessoas conservadoras e, por que não dizer, mal-intencionadas. Nos últimos anos vimos um ataque aberto, forte e impiedoso, contra a suposta “ideologia de gênero”, causando uma distorção da percepção do que se pesquisa nos estudos de gênero e sobre o que se aborda nos trabalhos que buscam promover a igualdade de gênero e o respeito à diversidade.

Esses grupos de pessoas deturparam o que se estuda e o que se defende nos estudos de gênero. Construíram uma imagem que, definitivamente, não condiz com a realidade deste campo do conhecimento. Nós, pesquisadoras e pesquisadores da área buscamos, defendemos e lutamos por igualdade de direitos para todas as pessoas, respeito a diversidade no sentido amplo da palavra. Defendemos as minorias que são definidas não pela quantidade de indivíduos, mas sim pela quantidade de direitos.

Ler e/ou ouvir pessoas afirmando que nossas pesquisas em prol de respeito e igualdade estão “destruindo famílias” é muito doloroso, pois muitos/as não percebem que, na verdade, uma família destruída, é uma família onde mulheres

sofrem agressões psicológicas e físicas de seus companheiros, é uma família na qual crianças e adolescentes são expostos a situações de agressões físicas, emocionais e sexuais por parte de quem deveria protegê-los/as, é uma família onde um/a jovem, ao se descobrir homossexual, não é acolhido/a, sofrendo violência física, emocional, psicológica, financeira, em nome de uma pseudo moral, muitas vezes sendo expulso/a de casa e deixados/as a mercê.

Essa distorção, que tem sido legitimada em todos os níveis políticos (municipal, estadual e federal), foi e é danosa causando sofrimento e até adoecimento nas/os profissionais que estavam e permanecem desenvolvendo trabalhos relevantes nesta área, e muitas vezes, salvando vidas. Cabe destacar que a escola, por meio de suas/seus professoras/es, coordenação pedagógica e direção, é responsável pela maioria das denúncias de casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Porém, mesmo com todos os ataques e calúnias que estamos sofrendo, o que temos ouvido das/os companheiras/os que estão nesta luta é que nada as (nos) fará desistir de debater o que consideram(mos) de suma importância para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, com mais respeito às mulheres e às pessoas que não se enquadram nos padrões construídos social e culturalmente como normais.

Lutar e resistir se torna cada vez mais importante diante de um cenário que apresenta lideranças políticas que estimulam a violência generalizada, principalmente contra as minorias (mulheres, LGBTQ+, negros, pobres...). Resistir é a única opção que nos resta, e para tal precisamos nos unir. Hoje, 20 de março de 2019, quando sentei para escrever este editorial, completou exatamente uma semana que ocorreu um massacre em uma escola de Suzano, região metropolitana de São Paulo, no qual cinco estudantes, duas profissionais da educação, um homem, tio de um dos autores do atentado, e os dois atiradores perderam a vida. É impossível não associar o ocorrido ao atual cenário político brasileiro, em que o estímulo a posse de arma se tornou palanque, ao lado de discursos racistas, machistas e homofóbicos.

Ao longo dos anos, quando estamos em período eleitoral, ouvimos os discursos dos/as candidatos/as acerca da importância da educação para o desenvolvimento social, econômico, científico e político do país. Entretanto, ao assumir o governo, tal discurso é abandonado, todo o comprometimento com a educação torna-se irrelevante ou é distorcido e a educação volta a ser secundária, pra não dizer, esquecida.

Assim, nos resta resistir, trabalhar e encontrar os espaços para a publicação de nossas discussões e lutas, e os CGT se colocam a disposição de todas/os as/os pesquisadoras/es que não se calarão diante da opressão.

Com o número 39 dos CGT iniciamos a divulgação dos artigos que foram submetidos a revista com base em três chamadas públicas, realizadas no final do ano de 2018 e início de 2019. As chamadas obtiveram êxito e atingiram um público diverso e espalhado pelo país, fato que enriquece a publicação e evidencia que somos muitas/os e que este é um local para nos encontrarmos e nos conhecermos. Este número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia apresenta artigos submetidos à chamada cuja temática foi Educação, Gênero, Sexualidade e Diversidade. Os artigos constantes desta edição apresentam enfoques variados, nossas/os

colaboradoras/es lançaram seus olhares em diversas direções e suas perspectivas e análises nos mostram que o respeito a diferença nos enriquece e nos liberta, o que nos oprime é a desigualdade.

Dando sequência a trajetória histórica dos CGT, esta edição se constitui como uma forma de resistência, e se torna pertinente no momento atual da sociedade brasileira. Pensar sobre educação e, de modo especial, interseccionando-a com gênero, sexualidade e diversidade é fundamental para que se possa pensar em uma sociedade democrática.

Uma educação igualitária poderá formar pessoas que respeitem o outro dentro de suas características, e o respeito e o conhecimento são chaves para diminuir o preconceito, independente das legitimações políticas de violência, ódio e intolerância que estamos e continuaremos sofrendo. É com a intenção de contribuir para esta educação igualitária e democrática que persistimos em nossa caminhada e que publicamos os Cadernos de Gênero e Tecnologia que chega ao seu 15º ano de existência e de resistência.

Uma amostra de que tal discussão é importante e continuará se desenvolvendo em nosso país é o resultado que a chamada para esta sessão temática teve. Recebemos muitos artigos que abordam Educação, Gênero, Sexualidade e Diversidade sob diversos pontos de vista. Os artigos aqui apresentados evidenciam que ainda há muito que se pesquisar e discutir para que se possa vislumbrar uma sociedade na qual as mulheres, as pessoas LGBTQ+, e a população negra sejam percebidas como seres humanos, com direito pleno a vida, ao respeito, a saúde, a educação, enfim, a existência.

Denunciar as situações de preconceito, discriminação, abandono, exclusão e todo tipo de violência que ocorrem nas escolas, nas universidades e na sociedade em geral é um dos compromissos que nós, pesquisadores e pesquisadoras assumimos quando escolhemos desenvolver pesquisas nas áreas das ciências humanas e sociais. Encontrar espaços para divulgar os resultados das pesquisas, realizar as denúncias das situações precárias que uma parcela significativa da população está exposta, apontar situações e propostas que estão produzindo impacto positivo para diminuir as desigualdades sociais é, muitas vezes, um desafio. Encontrar trabalhos inspiradores é um alento na trajetória de pessoas que adentram nesta área do conhecimento. A boa adesão de pesquisadoras e pesquisadores, em sua grande maioria no início de suas trajetórias como tal, evidenciam a relevância desta iniciativa e nos mostra que teremos sucessoras e sucessores. A juventude da maioria das/os autoras/es nos assegura que o feminismo e os estudos de gênero, sexualidade e diversidade terão vida longa.

Uma demonstração da longevidade deste campo do conhecimento são os movimentos de mulheres jovens que têm se propagado mundo afora e mostrado que as jovens têm se assumido como feministas e militantes cada vez mais precocemente. Elas demonstram claramente que não se submeterão ao machismo e a cultura do patriarcado. Observamos ainda que muitas meninas/moças/mulheres tem se interessado pela ciência e suas pesquisas, descobertas e invenções tem se destacado no cenário mundial. Um exemplo deste fenômeno é a jovem brasileira de 18 anos Juliana Davoglio Estradioto que foi convidada para acompanhar a cerimônia do Nobel no ano de 2019. Apesar da pouca idade, Juliana já coleciona 11 prêmios nacionais e internacionais em sua carreira,

fato que a qualificou a receber este convite. Um outro exemplo de sucesso é da química brasileira Joana D'Arc Félix de Souza que, após superar a pobreza e o racismo se tornou uma das mais prestigiadas, relevantes e reconhecidas pesquisadoras e professoras do país. Joana obteve reconhecimento nacional e internacional pelo seu brilhante trabalho. Ela recebeu, nos últimos anos, inúmeros prêmios e homenagens pela sua brilhante trajetória. Cientistas como Joana e Juliana nos fazem crer que em breve receberemos um prêmio Nobel e ele será conquistado por uma mulher. Essas meninas/moças/mulheres que estão na luta por seus espaços e seus direitos são inspiradoras e nos encham de esperança de que um mundo melhor é possível e que para torna-lo realidade temos que investir em uma educação democrática e igualitária.

E assim, este número dos CGT, que é composto por uma entrevista, 18 artigos originais, que se distribuem entre a temática Educação, Gênero, Sexualidade e Diversidade e artigos diversos de fluxo contínuo, um artigo traduzido e uma resenha, é inspirador. Este grande número de produções com suas referidas perspectivas é um convite a leitura e um estímulo à luta.

Assim se constitui o número 39 dos Cadernos de Gênero e Tecnologia. Esperamos que as reflexões aqui apresentadas sejam inspiradoras e despertem nos/as leitores/as a vontade de ingressar, permanecer e enfrentar as dificuldades enfrentadas ao se desenvolver pesquisas na área de gênero – e suas intersecções com ciência e tecnologia –, educação, sexualidade, diversidade sexual, dentre outras.

Desejo a todas e todos uma ótima leitura.

Sejamos resistência!

Recebido: 20 mar. 2019.

Aprovado: 20 mar. 2019.

DOI: 10.3895/cgt.v12n39.9875

Como citar:

CASAGRANDE, Lindamir Salete; FREITAS, Lucas Bueno de. Editorial. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v.12, n. 39, p. 1-4, jan./jun. 2019.

Correspondência: Av. Sete de Setembro, 3165, 80230-901, Curitiba, Paraná, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

